

INVESTIGAÇÕES LITERÁRIAS CONTEMPORÂNEAS A PARTIR DA ATITUDE TERAPÊUTICA DE LUDWIG WITTGENSTEIN

CONTEMPORARY INQUIRIES IN LITERATURE FROM LUDWIG WITTGENSTEIN'S THERAPEUTIC APPROACH

Fernanda Valim Côrtes Miguel

Doutora em Letras

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

(fernanda.v.c.mig@gmail.com)

RESUMO: Este artigo apresenta o potencial da terapia de dispersão espectral – tal como a temos denominado e praticado no campo dos estudos literários contemporâneos –, tomando como referência a atitude terapêutica praticada por Ludwig Wittgenstein em suas **Investigações Filosóficas**. Nesse contexto, nos interessa percorrer encenações do feminino a partir de determinadas narrativas em busca das relações de gênero que as constituem. A terapia à qual Wittgenstein submete o discurso filosófico vem sendo também ressignificada com base em algumas **semelhanças de família** que esta mantém com o movimento de desconstrução de Jacques Derrida, especialmente a partir das noções de espectros e da compreensão do texto literário como enxertia/citação.

Palavras-chave: Atitude terapêutica. Ludwig Wittgenstein. Encenações do feminino. Relações de gênero. Estudos Culturais.

ABSTRACT: This paper presents the spectral (dispersion) therapy potential – the way we have been calling and practicing it in the field of contemporary literature studies – based on the therapeutic approach applied by Ludwig Wittgenstein in his *Philosophical Investigation* book. In this context, we are interested in analyzing female performances from certain narratives seeking the gender relations that constitute them. The therapy that Wittgenstein addresses the philosophical discourse has also been re-signified based on some family resemblances related to Jacques Derrida's deconstruction concept, mainly from the notion of Specters and understanding of literary text as a graft/citation.

Keywords: Therapeutic approach. Ludwig Wittgenstein. Female performances. Gender relations. Cultural Studies.

O propósito deste artigo é partilhar reflexões sobre um percurso teórico interessado sobretudo nos estudos de gênero, literatura e cultura no contexto atual, tomando como referência fundamental a atitude terapêutica praticada pelo filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein (1889-1951), sobretudo em suas *Investigações Filosóficas*, obra publicada postumamente. Falamos aqui, portanto, do segundo Wittgenstein, como sustenta parte de seus comentadores. Wittgenstein foi um dos principais atores da virada linguística na filosofia do século XX, e as implicações de seu pensamento para os estudos literários, sobretudo como modo de lidar com escritas contemporâneas, são notoriamente significativas. Esses percursos vêm contribuindo com um campo produtivo e, ao que parece, ainda pouco explorado. Nesse sentido, o pensamento de Wittgenstein vem sendo posto em diálogo com

uma série de outros autores e autoras que dialogam, propositivamente, com o debate em cena.

Sobre encenações de gênero e narrativas contemporâneas

O interesse pelas questões de gênero na literatura e pelas narrativas de autoria de mulheres no Brasil e na América Latina, especialmente a partir da década de 1950, é, sem dúvida, o ponto de partida comum para uma série de reflexões já realizadas e em andamento, das quais o presente ensaio se apropria para repensar e lançar outras possíveis contribuições para o campo teórico dos estudos literários contemporâneos, especialmente como proposta para lidar com a problemática das abordagens de narrativas literárias como produtos das culturas. Em momento anterior (MIGUEL, 2012), comentamos, a partir das reflexões de Stuart Hall, a respeito de como as crises e tensões permanentes evidenciadas pelo mundo pós-colonial nos incentivam a refletir sobre as contribuições dos estudos culturais como projeto aberto ao desconhecido, tensão reinante entre a recusa de se fechar o campo e a determinação de se definir posições em defesa de certos interesses, alimentando a ideia da teoria como intervenção no contexto das práticas culturais – e vice-versa – e contemplando questões de ética e poder. Essa tensão permanente vem apontando para a natureza constitutiva e política da própria representação, de suas complexidades, efeitos de linguagem e da textualidade como local de vida e morte.

Ao longo do século XX, a questão do gênero tornou-se a marca identificadora de movimento sociais questionadores da opressão da mulher, em nome de uma inaceitável polarização binária e assimétrica milenarmente estabelecida entre um feminino e um masculino vistos como categorias estáticas, hierarquizadas e reforçadoras dessa opressão. A ativista bell hooks¹ (2000) já argumentou que o feminismo não é um movimento pela igualdade entre os sexos, mas uma luta contra a opressão, na qual se reconhece que os sistemas opressivos não estão confinados ao sexismo, mas se expressam em outras formas socioculturais e políticas de identificação, como classismo, racismo e heterossexismo. Ao desafiar a opressão a partir de um olhar avesso ao uno, hooks

¹ As iniciais de “bell hooks” – pseudônimo da ativista Gloria Jean Watkins a partir dos sobrenomes maternos de sua bisavó – são propositalmente grafadas com letras minúsculas, por demarcarem a contestação associada à questão da autoria dos textos, especialmente acadêmicos.

evita o uso de categorias gerais ou universalizantes e oposicionistas, capazes de supor que todas as mulheres compartilham de uma mesma relação com as questões de classe, raça e sexualidade, engajando-se em defesa de um modelo relacional e não hierárquico dessas categorias e descentralizando o gênero como conceito fundamental ou fundador dessa luta.

No cenário desses movimentos reivindicatórios, a questão do gênero tem sido academicamente investigada pelos instrumentos conceituais e metodológicos dos diversos campos disciplinares, dentre eles a literatura. E é na tentativa de abrir brechas na pretensa solidez do pensamento falocêntrico, ainda dominante, que a investigação do gênero no campo dos estudos literários tem focalizado particularmente a discussão em torno da pertinência estética e política da constituição de concepções de escrita de autoria de mulheres, que se materializam e se transformam em sua íntima relação com o corpo sexuado – visto como algo ilimitadamente aberto à indefinida e indefinível fluência de sensibilidades que não pode ser binariamente demarcada e rotulada.

No contexto de nossos estudos, não seria aconselhável uma proposta que buscasse definir o que é, no entanto, a literatura de autoria de mulheres ou em que consiste a postura feminista na literatura de mulheres, pois a busca por tais definições se afastaria de uma atitude terapêutica wittgensteiniana, que comentaremos mais profundamente a seguir e que, ao contrário, nos convida a percorrer os usos particulares dessas práticas de escrita no Brasil e na América Latina, nos obrigando inclusive a desconstruir a pretensa ideia unificada de uma possível “América Latina”, marcada por culturas, línguas, etnias, histórias e colonizações distintas e particulares. É também percorrendo os rastros desses usos que percebemos a ausência dos nomes de tantas escritoras nos livros que tratam do *boom* da literatura latino-americana e de muitas de suas obras como parte dos cânones literários constituídos, o que por extensão deflagraria uma ausência de valores estéticos em tais narrativas, como se o valor e a estética estivessem dissociados de uma ética da universalidade e da masculinidade.

Nesse sentido, questões de gênero se tornaram relevantes para lidarmos com uma seleção prévia de narrativas literárias, seja pelo fato de serem corpos de mulheres escritoras que se engajam na produção de tais escritas, seja pelo fato de

serem sobretudo mulheres as narradoras personagens que contam, refletem e vivenciam experiências particulares, que são em última instância culturais.

Elizabeth Grosz aponta para o fato de como, ao longo de todo pensamento filosófico ocidental dominante, a negligência do corpo em detrimento de um conceito de mente como termo incorpóreo embasou a ideia do conhecimento como algo puramente conceitual. Desse modo, a filosofia formulou-se como uma disciplina preocupada principalmente com conceitos, ideias, razão, julgamento:

termos claramente enquadrados pelo conceito de mente, termos que marginalizam ou excluem a consideração com o corpo. Se o conhecimento é visto como puramente conceitual, sua relação com corpos, a corporalidade tanto dos conhecedores quanto dos textos, e a maneira pela qual essas materialidades interagem, devem ser obscurecidas (GROSZ, 2000, p. 48).

A terapia a que Wittgenstein submete o discurso filosófico, bem como sua concepção pós-epistemológica do conhecimento – jamais podendo ser visto como independente ou anterior a um jogo de linguagem –, já havia denunciado a radical separação entre corpo e conhecimento:

Por conseguinte, é enganador falar do pensamento como se se tratasse de uma “atividade mental”. Podemos dizer que o pensamento é essencialmente uma actividade que opera com signos. Esta actividade é realizada pela mão, quando pensamos por intermédio da escrita; pela boca e pela laringe, quando pensamos por intermédio da fala; e se pensamos imaginando signos ou figuras, é-me impossível mostrar-vos qualquer princípio activo pensante. [...] Se discutirmos de novo sobre a localização da ocorrência de pensamento, temos o direito de afirmar que ela corresponde ao papel em que escrevemos ou à boca que fala (WITTGENSTEIN, 1992a, p. 32-33).²

Nas considerações de Elizabeth Grosz, é igualmente relevante a constatação desse pensamento dicotômico e hierarquizado que acabou privilegiando um dos termos da polaridade, de modo que o outro se tornou subordinado. Dessa forma, o corpo se tornou aquilo que não é a mente, o outro de fato, e, portanto, aquilo que é distinto do termo privilegiado. A oposição mente/corpo passou a funcionar em diversos contextos como correlacionada a uma série de outros binarismos assimétricos, como razão/paixão, sensatez/sensibilidade, dentro/fora,

² Embora em inglês **The Blue and Brown Books** (1962) seja uma obra única, ela foi traduzida para o português (de Portugal) em dois livros, **O livro azul** (1992a) e **O livro castanho** (1992b).

ser/outro, profundidade/superfície, realidade/aparência, transcendência/imanência, temporalidade e espacialidade, psicologia/fisiologia, dentre outras tantas, na qual o primeiro polo do binômio opositivo representaria sempre as características privilegiadas da relação. Condicionando o corpo a termos não históricos, organicistas, passivos e inertes, “a filosofia, como disciplina, excluiu subrepticiamente a feminilidade, e como consequência a mulher, de suas práticas, através de sua codificação usualmente implícita da feminilidade como desrazão associada ao corpo” (GROSZ, 2000, p. 49).

Contrariamente ao modelo dualista cartesiano mente/corpo, muitas teóricas e teóricos argumentaram em favor da recusa da visão de que haveria uma essência interna de gênero (mente-espírito) expressada pelo corpo, mas apenas uma série de atos performativos que (re)significam o gênero. Como bem aponta a teórica Tina Chanter:

O gênero não é algo que esteja “dentro”, uma essência preexistente, esperando encontrar sua expressão corpórea. Não há uma verdade interna esperando a realização “autêntica” ou “apropriada” em atos corpóreos ou materiais. O gênero é sempre já vivido, gestual, corporal, culturalmente mediado e historicamente constituído. Não é que tenhamos uma feminilidade ou uma masculinidade central, essencial ou não ambígua que luta para manifestar-se ou para encontrar sua expressão adequada. Ao contrário, há ditames culturais de acordo com os quais os sujeitos constroem a si mesmos, apropriando-se de códigos de gênero historicamente situados e, às vezes, reinventando ou subvertendo tais códigos (CHANTER, 2001, p. 9).

Entre as correntes da crítica feminista contemporânea, autoras como Luce Irigaray, Elisabeth Grosz, Hélène Cixous, Gayatri Spivak, Judith Butler, Nelly Richard, Márcia Hoppe Navarro, entre outras, problematizam questões relevantes de abandono da noção essencialista e biologicamente determinada do corpo e adoção da ideia de corporeidade não dada, mas construída, em constante processo de elaboração, partindo da ideia do corpo como elemento significativo para a compreensão da existência psíquica e social da mulher, como elemento entrelaçado a sistemas de significação e representação, constituindo e sendo constituído por eles. Mais do que uma realidade fisiológica dada, o corpo passa a ser visto como um tecido histórico, social, cultural e biológico, objeto político de contestação em uma série de lutas econômicas, políticas, sexuais e intelectuais. Essas visões não

essencialistas do gênero e do corpo humano nos sugeriram vê-los e significá-los sempre com base nos diferentes modos como são encenados pela linguagem.

Embora não tenha sido desse modo que o discurso filosófico hegemônico tenha visto o corpo humano, o modo como temos encenado a linguagem para lidar com uma série de narrativas selecionadas e estudadas vem tomando como referência os pensamentos de dois filósofos que procuraram justamente desconstruir a tradição metafísica e essencialista dominantes desse discurso: Ludwig Wittgenstein e Jacques Derrida. Nesse movimento desconstrucionista, ambos acabaram sugerindo – tanto no estilo de se pensar filosoficamente como no de expressar esse pensamento por meio de uma escrita filosófica – uma impossibilidade de distinção entre os discursos filosófico e literário.

A possível aproximação entre Wittgenstein e Derrida leva em conta tentativas mais abrangentes, já realizadas - Altieri (1976), Susan B. Brill (1995), Henry McDonald (1994; 2001), Antonio Miguel (2014a; 2014b) - como é o caso também da apresentada pelo crítico Henry Staten (1986), que argumenta especialmente em favor do fato de que ambos os filósofos rejeitam a determinação transcendental do ser, bem como a noção de que é possível existir qualquer coisa fora do domínio da linguagem. Stanley Cavell (1994), um dos críticos fundamentais para os estudos sobre Wittgenstein, recuperando o antigo debate e a crítica de Derrida a J. Austin, manifestou-se com clareza sobre a questão.

Subjacentes à oposição contra a voz metafísica, que eu acho que Austin e Wittgenstein compartilham com Derrida, existem todas as diferenças entre os mundos das tradições das filosofias anglo-americana e continental, diferenças entre suas concepções de (e entre suas relações com) ciência, arte, cultura, religião, educação, leitura, cotidiano. Enquanto Derrida e Wittgenstein veem a metafísica e o cotidiano como ligados por contrastes, em Derrida, de forma diferente do que ocorre em Nietzsche e em Platão, a filosofia guarda uma determinada realidade, uma vida cultural, intelectual e institucional autônoma, o que em Wittgenstein não existe (CAVELL, 1994, p. 63).

Como apontou Marjorie Perloff (2008, p. 32), a existência de homologias descobertas por meio do pensamento de Wittgenstein e Derrida não exclui, em hipótese alguma, a existência de diferenças irreconciliáveis entre suas reflexões filosóficas, tais como a questão da fala/escrita, da base ontológica das **formas de**

vida e daquela referente ao fato de Wittgenstein ter tido pouca influência no trabalho de Derrida.

O modo como Derrida nubla as fronteiras entre literatura e filosofia fica caracterizado pelo reconhecimento de rastros ficcionais em todo tipo de escritura: “[a literatura] é a coisa mais interessante do mundo, talvez mais interessante que o mundo” (DERRIDA, 2014, p. 70). De fato, como assinalou Haddock-Lobo a partir da leitura do artigo de Elizabeth Duque-Estrada:

O que se entende, então, por uma espécie de estrutura do literário em geral rege-se de acordo com uma lógica do não aparecimento que se define pelo fato de que toda narrativa, todo relato, ficcional ou não, é uma relação com aquilo que ela narra. Nesta relação, tanto o relato, a narrativa, quanto o relatado, o que é narrado, não aparecem em sua presença efetiva. O que Beth herda de Derrida nesta “teoria da literatura” é a constatação de que este não aparecimento estrutural não é exclusividade da literatura, mas de todo relato, constituindo uma espécie de ‘ficcionalidade constitutiva’ de todo discurso (HADDOCK-LOBO, 2011, p. 159 e p. 174).

Perloff segue apontando para essa mesma ideia, de que, a partir do estilo terapêutico-aforístico de pensar desenvolvido por Wittgenstein, o filosófico e o literário tornam-se de fato inseparáveis. A postura crítica do autor diante da “grande teoria” e da ambição “totalizante”, normalmente identificada com a filosofia, é representada na conclusão do *Tractatus* pelo aforismo “Sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se calar” (WITTGENSTEIN, TLP - 7). Ele reconhece, sensatamente, a existência de aporias metafísicas e éticas que nenhuma discussão, explicação ou argumentação lógico-racional seria capaz de justificar ou fundamentar. E é justamente a pretensão do discurso filosófico de adentrar racionalmente nesse domínio do que não pode ser dito, mas apenas mostrado, o que faz da filosofia wittgensteiniana uma “antifilosofia”, que se propõe a determinar em que circunstâncias a filosofia deve questionar a si mesma, se impondo limites. O que não significa que esse domínio do não dito – do inefável – não possa se deixar mostrar por outras formas não racionalizadoras de encenação da linguagem, como é o caso de certas encenações artísticas da linguagem: “Há por certo o inefável. Isso se **mostra**, é o Místico” (WITTGENSTEIN, TLP - 6.522).

O modo como Wittgenstein tenta resolver problemas filosóficos, a tendência anticonclusiva no modo de praticar sua investigação, seria mais adequadamente adjetivada de “estética”, seja pela disposição criativa de exemplos ao longo

especialmente de suas Investigações Filosóficas, seja ainda pelas imagens selecionadas. É justamente esse estilo estético não racionalizante, antidogmático e anticonclusivo de encenar a linguagem que caracteriza, em uma primeira aproximação, a atitude terapêutica que vem orientando um modo de lidar com uma série de narrativas estudadas e que passa pelo interesse na perseguição de um problema investigativo, qual seja, o de como o gênero está manifesto nessas narrativas de partida e de que maneira elas encenariam questões de gênero por meio do acionamento de estratégias literárias particulares. Aquilo que passamos a chamar de **terapia de dispersão espectral** opera orientada, sobretudo e centralmente, pelo propósito da desconstrução de discursos que maniqueízam as diferenças de papéis sociais pelo critério da distinção de gênero.

Como apontou Antonio Miguel, seria possível levar ao “divã” todos os discursos que façam “maus usos da linguagem”, submetendo-os a diferentes terapias locais que os tratem como “doenças” diferentes. A partir de Wittgenstein, o autor esclarece:

por ‘maus usos da linguagem’ [...] deve-se entender ‘usos metafísicos da linguagem’, isto é, usos que produzem pseudoproblemas que, por ultrapassarem os limites e os poderes da linguagem, não podem, por essa razão, receber esclarecimentos adequados por nenhum outro recurso humano. Daí, ser o propósito de tais terapias o de dissolvê-los enquanto problemas (MIGUEL, 2015a).

A luta contra usos metafísicos da linguagem leva à valorização, por parte do filósofo austríaco, dos usos cotidianos da linguagem,³ justamente porque os usos especializados não se constituem autonomamente, mas são interdependentes de seus usos ordinários. Para se tornarem significativas, as práticas dos usos ordinários da linguagem não podem ser desconectadas das ações corporais situadas de seus praticantes, pois, para Wittgenstein, “Palavras são também ações” (WITTGENSTEIN, IF-§546).

Sobre terapia gramatical e desconstrução

A terapia gramatical wittgensteiniana – nem método e nem teoria – aparece definitivamente em cena como postura antitotalizante, crítica às grandes teorias,

³ “Quando falo da linguagem devo falar a linguagem do cotidiano” (WITTGENSTEIN - IF-§ 120).

com sua tendência à análise da estranheza e do poder das palavras usuais e da crença no fato de que “a filosofia não é uma escolha entre diferentes teorias”,⁴ pois nenhuma delas, como propõe Wittgenstein, poderia oferecer “a gramática completa” de como usamos a palavra, assim como não seria possível encaixar em uma única teoria casos que estivessem em desacordo com ela. Por isso, desconfiar da gramática seria o primeiro requisito para filosofar e também para fazer literatura. A diferença e oposição entre linguagens usual e literária – por vezes estabelecida e perseguida pela teoria literária do século XX – desaparece em Wittgenstein na proposição de que é no uso que fazemos da língua, por meio de **seus jogos de linguagem** sempre situados e corpóreos, que se deflagram seus significados.

Não seria possível definir o que seriam os *jogos de linguagem*, noção wittgensteiniana central nas Investigações Filosóficas, mas os exemplos aforísticos mobilizados de diferentes maneiras pelo filósofo⁵ poderiam ser discutidos a partir de distintas perspectivas, porém todas elas aplicáveis à ficção e aos trabalhos artísticos produzidos nos rastros da escrita de Wittgenstein. Nesse sentido, apontamos para quatro perspectivas fundamentais do pensamento do filósofo, também comentadas por Perloff: 1. A ênfase na estranheza e natureza enigmática da linguagem cotidiana; 2. A consciência de que os limites da minha linguagem significam os limites de meu mundo, proposição nunca abandonada por Wittgenstein, embora, como salienta a autora, “o solipsismo do ‘meu’ gradualmente cedesse lugar ao ‘nosso’, à luta contínua que cada um enfrenta em ‘suas cabeçadas’ contra as paredes da prisão da sua linguagem, no impulso de entender o seu mundo” (PERLOFF, 2008, p. 41): “Uma imagem nos mantinha presos. E não pudemos dela sair, pois ela residia em nossa linguagem, que parecia apenas repeti-la para nós inexoravelmente” (WITTGENSTEIN - IF-§ 115); 3. O reconhecimento de que as linguagens do *self* são dependentes do contexto, da cultura e da classe social,

⁴ “[...] Não há *um* método da filosofia, mas sim métodos, como que diferentes terapias” (WITTGENSTEIN - IF-§ 133).

⁵ “Chamarei também ‘jogo de linguagem’ o conjunto da linguagem e das atividades com as quais está interligada” (WITTGENSTEIN - IF - § 7). Wittgenstein parte do exemplo de um jogo de xadrez e dos movimentos das peças no tabuleiro (IF - § 31) para estabelecer possíveis analogias entre os jogos e a linguagem: ambos seriam atividades guiadas por regras que desempenhariam diferentes funções e significados a partir dos contextos de uso e das formas de vida praticadas pelos seres (WITTGENSTEIN - IF - §§ 24). Assim, existiria “Uma multiplicidade de jogos de linguagem (WITTGENSTEIN - IF - § 23). Da mesma maneira que inexistiria um único traço distintivo capaz de definir o que todos os jogos teriam em comum, não haveria igualmente um sentido comum a todas as palavras e essencial a toda a linguagem, mas apenas semelhanças, como aquelas observadas entre os membros de uma mesma família (WITTGENSTEIN - IF - §65).

inexistindo, portanto, um “eu” singular, o que faz com que Wittgenstein, mesmo não sendo marxista, compartilhe com Marx e com os materialistas dos estudos culturais posteriores a noção da linguagem como um conjunto de práticas governadas por regras, e o fato de que a subjetividade sempre depende de uma língua que pertence a uma cultura muito antes de pertencer a mim, sustentadas a partir das seguintes aporias: “O sujeito não pertence ao mundo, mas é um limite do mundo” (WITTGENSTEIN - TLP - 5.632) e “O sujeito que pensa, que representa, não existe” (WITTGENSTEIN - TLP - 5.631). 4. Por fim, mas não menos importante, “a descoberta de que não existem proposições de valor absoluto, nem mesmo explicações causais e temporais” (PERLOFF, 2008, p. 42), o que apontaria para as dimensões éticas dos jogos de linguagem, constituição de uma ética fora das normas da causalidade ou da explicação. Por essa razão, não faria sentido pensarmos numa qualidade conclusiva da atitude terapêutica por nós praticada.

Para Wittgenstein, uma terapia gramatical opera sobre **jogos de linguagem** por deslocamentos contextuais, isto é, sempre temporalizados e espacializados, de usos de palavras, expressões, gestos etc. em diferentes jogos de linguagem, revelando assim, nesses usos regrados ou não, seus incomensuráveis e ilimitados significados, que mantêm entre si apenas **semelhanças de família**. Em meados da década de 1920, Wittgenstein, com o auxílio do fotógrafo Moritz Nahr, produziu uma composição fotográfica criada pela sobreposição das faces do próprio filósofo austríaco a de suas três irmãs de meia-idade, e foi a partir daí que se cunhou a expressão **semelhanças de família**. O propósito parecia apontar para a desconstrução na crença da ideologia eugênica e na concepção essencialista dos processos de significação. Aquele rosto composto, nem real nem fictício, era incapaz de revelar um traço comum a todos os tipos das pessoas fotografadas.⁶

A terapia wittgensteiniana opera não com o propósito de indicar ou prescrever uma suposta solução ao problema levado a esse diferente “divã”, mas, contrariamente, para vê-lo em **perspectiva panorâmica** – outra noção wittgensteiniana –, de diferentes maneiras. Nas palavras de Wittgenstein, se as regras constitutivas da gramática que orientam a encenação de um jogo de

⁶ A foto de família pode ser vista em (MIGUEL, 2014); (MIGUEL, 2013, p. 28) ou em (NEDO, 2011): <<http://www.editor.net/BWS/docs/ClareHallCatalogueNew.pdf>>. Acesso em: jun. 2016.

linguagem não são nem racionais nem irracionais, resta-nos, apenas, confiar nelas.⁷ O funcionamento da linguagem⁸ obedece, assim, a um sistema de crenças que não pode ser explicado ou justificado, pois suas regras não fundamentam o jogo.

Concebemos aqui um jogo de linguagem como um “jogo de cena”, visto que, para o próprio Wittgenstein, um jogo de linguagem já é sempre uma performance corporal: “Na **práxis** do uso da linguagem, um parceiro enuncia as palavras, o outro age de acordo com elas. [...] chamarei de jogos de linguagem o conjunto da linguagem e das ações com as quais está interligada” (WITTGENSTEIN - IF - § 7). Não nos esqueçamos de que, para Wittgenstein, “palavras são também ações” (IF - §546). “A linguagem – gostaria de o dizer – é um aperfeiçoamento, no princípio era a ação” (WITTGENSTEIN, 2000, p. 53).

Nesse sentido, como defende Henry McDonald, tal compreensão wittgensteiniana da linguagem como ação, quando levada ao domínio do discurso narrativo ficcional, nos permite deslocar nosso olhar investigativo da história narrada propriamente dita para aquilo que toda narrativa pressupõe, qual seja, o narrador e, portanto, para o ato narrativo visto como performance ou atuação cênica do narrador. Contudo, para este autor, o narrador não deve ser confundido nem com o autor e nem com qualquer tipo de presença pessoal manifesta no texto ou oculta em suas entrelinhas. Visto que, para ele, “o ato narrativo tem, na verdade, um estatuto independente, não propriamente do conteúdo da narrativa (estória e personagens), mas de qualquer significado final ou último da estória”, o narrador passa a ser visto como “uma proliferação discursiva ou ato performado”, isto é, como “uma forma de ação que opera em um nível radicalmente desproporcional à ação da estória” (McDONALD, 1994, p. 7. Tradução nossa).

Essa concepção do narrador como proliferação ou reiteração discursiva performada nos vem sugerindo um modo de operar terapêuticamente sobre as narrativas literárias estudadas, nos deixando orientar por uma “lógica espectral”, para usar uma expressão de Derrida, ou então, por um movimento de “dispersão

⁷ “Você deve atentar-se para o fato de que um jogo de linguagem é, por assim dizer, imprevisível. Quero dizer: não se baseia em fundamentos. Não é racional (ou irracional)” (WITTGENSTEIN, 1990, SC-§ 559, p. 157).

⁸ Na célebre passagem, Wittgenstein compara a linguagem a uma antiga cidade: “(E com quantas casas ou ruas, uma cidade começa a ser cidade?) Nossa linguagem pode ser considerada como uma velha cidade: uma rede de ruelas e praças, casas novas e velhas, e casas construídas em diferentes épocas; e isto tudo cercado por uma quantidade de novos subúrbios com ruas retas e regulares e com casas uniformes” (WITTGENSTEIN - IF - § 18).

metonímica”, usando uma expressão de McDonald (1994, p. 7), que, em vez de se concentrar em “passagens metafóricamente significativas dos textos”, procura seguir os rastros das “formas e funções que a presença narrativa assume” no texto visto como um jogo de linguagem, isto é, como encenação narrativa da linguagem que envia ou remete a outros jogos cênicos de linguagem.

Para Derrida, a literatura teria uma condição fundamentalmente espectral por meio da citação ou da menção, uma produção do novo a partir da repetição da linguagem de outro, como uma espécie de casa assombrada que hospedaria o ir e vir de todos os fantasmas de quem somos. Esse espectral de que trata o autor não é meramente aquilo que retorna de um passado ou de alguma locação anterior, mas também aquilo que está porvir, que não pode ser predito e para o qual nunca estamos preparados. Justamente na afirmação sobre a inexistência de um mapa de rota para a leitura é que se alicerça a desconstrução, na crença sobre a inexistência de um método ou programa da leitura. Nas palavras do autor: “a longa menção é também de interesse porque ela marca a complexidade histórica da rede textual na qual nós já estamos engajados” (DERRIDA, 1981, p. 197).

A partir da leitura de Derrida, a desconstrução opera sobre a escritura para desconstruir oposições binárias. Ao operar por descompactação de textos, ela inverte a hierarquia entre os polos em oposição e, em seguida, realiza um deslocamento, produzindo o performativo, ou seja, uma nova forma de enxergar a oposição e os problemas aos quais ela se aplica. Como o filósofo⁹ nos advertiu inúmeras vezes, a desconstrução não deve ser vista como um método de análise discursiva, mas ela pode entretanto nos auxiliar a interrogar pressuposições político-filosóficas de métodos críticos já institucionalizados. Além disso, a citação, a reiteração e a performatividade constitutivas das práticas discursivas estão no coração da desconstrução. Derrida formaliza uma noção radical de performativo ao tratar da instabilidade dos atos de fala. A noção de performatividade em Derrida indica uma prática reiterativa de citar por meio da qual o discurso produz o efeito que

⁹ As representações da desconstrução como método, escola de pensamento, programa e assim por diante, são más representações do pensamento derridiano, justamente pela impossibilidade de prescrição de um método geral de leitura e, ainda, que valha para todo e qualquer texto literário. A desconstrução percorre uma lógica de desestabilização já sempre em movimento, uma lógica da espectralidade, da aporia. Na verdade, não existe origem simples, uma única fonte da qual tudo possa ser traçado, o que existe são definições provisórias. O trabalho de Derrida enfatiza a possibilidade de “responder somente traçando a fenda” e as “histórias da fenda” (DERRIDA, 2001), (DERRIDA, 2005), (WOLFREYS, 2007).

nomeia. A repetição se dá nas instituições, como força reiterativa da convenção, mas a performatividade faria emergir um efeito de singularidade, subjetividade, contra a identidade forçada e normativa (DERRIDA, 2000; WOLFREYS, 2007).

Esse movimento terapêutico de fuga metonímica, constituído com base em um tipo de “lógica” derridiana da espectralidade – por conectar, por **semelhanças de família**, espectros ou rastros de rastros de significação –, não pode ser visto como um movimento interpretativo ou uma nova proposta de “interpretação” de atos narrativos, visto que esse movimento dispersivo de fuga, ao mesmo tempo em que se afasta cada vez mais do ato narrativo de partida de certo modo também sempre retorna a ele, enriquecendo-o com novas formas ou possibilidades de vê-lo. Assim, uma “lógica” da espectralidade conecta os diferentes e ilimitados enxertos diegéticos do ato narrativo pelo recurso à estratégia de constatação de semelhanças de família entre *flashes* memorialísticos mobilizados não exclusivamente pelas memórias individuais ou vivenciais de leitores isolados e supostamente dotados da capacidade autônoma e privada de significar, mas também, e sobretudo, por diferentes práticas culturais enredadas – entrançadas – que são encenadas em **diferentes jogos de linguagem**.

A terapia de dispersão espectral

Realizar, portanto, uma **terapia de dispersão espectral** de uma obra artístico-literária significa descompactá-la em seus jogos de cena – vistos como **jogos de linguagem** – a fim de identificar e descrever **semelhanças de família** entre rastros de significação manifestados em alguns desses jogos e em outros dispersos e identificáveis praticados em arquivos culturais diversos. Uma terapia opera a partir (e ancorada) dos efeitos performáticos de sentido produzidos pelo que se manifesta explicitamente no texto literário de partida sobre os corpos de leitoras e leitores terapeutas, dispostos a investigar rastros desses efeitos de sentido em outros **jogos de linguagem**.

Ao contrário da tentativa de aproximar e comparar escritas literárias – buscando possíveis traços comuns ou distintivos entre temas, enredos, estilos –, a **terapia de dispersão espectral** lida com as narrativas a partir de outra perspectiva, por acreditar que ela oferece um modo inusitado de investigar os efeitos de sentido

suscitados a partir da leitura do texto literário e as estratégias construídas, em cada caso particular, capazes de nos impactar.

O aspecto terapêutico praticado pelo próprio Wittgenstein vem sendo assim ressignificado e parece representar a originalidade propriamente dita das investigações que vêm sendo por nós realizadas, especialmente a partir de obras artístico-culturais contemporâneas, porque, ainda que sua filosofia já seja explorada no domínio efetivo dos estudos literários, o aspecto terapêutico não nos parece ter ganhado relevância ou já ter sido explorado¹⁰ dessa maneira. O objetivo vem sendo o de percorrer os rastros e envios que encenam o feminino a partir dos textos selecionados, em busca das relações de gênero que constituem ainda outras encenações, dispersas no vasto arquivo cultural (entendido aqui como práticas dinâmicas), em diferentes **formas de vida**¹¹.

Diferentemente de uma atitude hermenêutico-interpretativa, de busca de um sentido oculto no texto literário (o que o texto quer dizer, o que o autor quer dizer), o modo como passamos a abordar terapeuticamente esses textos procura **mostrar**, por meio de uma **perspectiva panorâmica**, os elos que nos conduzem a certas analogias estabelecidas por **semelhança de família**.

Embora a sobredeterminação semântica da palavra “terapia” não se refira aqui a uma acepção psicológica ou psicanalítica propriamente, já que não está por certo baseada em nenhuma teoria da mente ou do aparelho psíquico, decidimos ainda assim mantê-la, uma vez que é o próprio Wittgenstein que, partindo de seu uso situado em psicanálise, mobiliza-a, por **semelhança de família**, com outro significado em suas Investigações. A intenção não é explicar as relações analógicas

¹⁰ Algumas obras significativas nesse sentido, que discutem a importância da perspectiva wittgensteiniana para os estudos literários, podem ser citadas, tais como o trabalho de Austin E. Quigley, em “Wittgenstein’s Philosophizing and Literary Theorizing” (QUIGLEY, 1988); os trabalhos de John Gibson e Wolfgang Huemer, especialmente no livro *The Literary Wittgenstein* (2004), e que conta com capítulos de importantes críticos literários, como Stanley Cavell e Marjorie Perloff; Henry McDonald, especialmente nos textos “*Wittgenstein, Narrative Theory, and Cultural Studies*” e “*The Narrative Act: Wittgenstein and Narratology*” (2001). Há também o texto de Paulo Roberto Margutti Pinto, “A dialética da linguagem e do silêncio em Ludwig Wittgenstein e Clarice Lispector” (2005), no qual Margutti aproxima as discussões filosóficas sobre o místico formuladas no *Tractatus* da obra *A paixão segundo G.H.*, de Lispector. Cito também a edição portuguesa de Nuno Venturinha em *Linguagem e valor: Entre o Tractatus e as Investigações* (2011) e o livro de Léia Abramovich *Ludwig Wittgenstein e a teoria da literatura* (1999).

¹¹ Expressões como “jogos de linguagem”, “formas de vida”, “semelhanças de família” aparecem ao longo das *Investigações Filosóficas* como noções difusas, nem sempre utilizadas da mesma maneira.

mediante processos cognitivos ou mecanismos mentais, pois essas noções tenderiam a subordinar o problema à teoria.¹²

A terapia parte, enfim, daquilo que está manifestado para elucidar o modo como são construídas determinadas estratégias e efeitos capazes de nos impactar. O movimento da terapia de Wittgenstein não é de natureza conceitual, mas imagético-descritivo. Parte do solo da prática e dos usos cotidianos da linguagem que são, para ele, profundamente ritualísticos. Assim, a **gramática** torna-se uma espécie de ritual ou de rede mitológica sempre constituída por diferentes jogos que se processam de acordo com as regras postas em prática: o uso de determinada palavra, em certo ritual, pode ser um bom uso da linguagem, mas quando colocada em outro jogo pode se tornar uma má interpretação da linguagem. A palavra “gramática” é utilizada por Wittgenstein sobretudo como forma de adjetivar ou significar o conjunto não essencialista e mutável das regras ou enunciados normativos – nem sempre identificáveis e aceitos incontestavelmente – postos em cena na linguagem e que orientariam os sentidos de determinado jogo de linguagem.

Talvez a implicação mais expressiva do pensamento de Wittgenstein e da atitude terapêutica para os estudos literários seja a própria concepção de linguagem desenvolvida por ele a partir da década de 1930 e, sobretudo, nas Investigações Filosóficas. A linguagem deixa de ser vista como “a linguagem” e passa a ser vista como um conjunto heterogêneo de jogos de linguagem sempre em movimento. Assim, cada jogo é visto como uma linguagem completa: não existe mais a língua e a aplicação da língua. A própria ideia de ver a linguagem como um jogo já nos dá a ideia de ação corporal. De modo que o próprio ato de falar uma língua já é visto como um jogo de linguagem, entre outros possíveis.

O corpo que participa do jogo de linguagem o faz orientado pelas regras que constituem a **gramática** desses jogos, mas as regras, para Wittgenstein, não são nunca prescritivas. Quando eu escrevo – o ato de escrever – também é visto como um jogo de linguagem encenado por um corpo que escreve. Do mesmo modo, o ato de ler é também compreendido como um ato corporal em que o texto escrito provoca

¹² O aspecto antiteórico do pensamento de Wittgenstein, assim como a natureza não hermenêutica de sua terapia filosófica, é especialmente comentado por Nigel Pleasants, em seu *Wittgenstein and The Idea of a Critical Social Theory. A Critique of Giddens, Habermas and Bhaskar* (2002). Ver também os apontamentos de Susan Sontag, em seu *Contra a interpretação* (1987).

efeitos performáticos no corpo de quem lê e remete o leitor ou leitora às memórias das práticas culturais das quais ele/ela participou. Para Wittgenstein não existe linguagem privada. São sempre linguagens que se constituem em contextos situados, em diferentes **formas de vida**.

Tendo em vista essa concepção de linguagem, o próprio ato narrativo passa a ser visto – como entende também Henry McDonald –, como ação corporal que institui “presenças narrativas”, uma vez que o próprio ato de narrar é encarado como uma composição situada e idiossincrática, bem como iterativa. O ato narrativo é performativo porque é uma ação corporal, uma encenação corporal de quem participa do jogo narrativo, ou seja, autor, narrador e leitor. O ato narrativo é performático porque é sempre original, mesmo repetindo e reunindo enxertos, citações e remissões.

As reflexões em questão nos conduzem para a primazia do corpo que participa das práticas culturais em diferentes **formas de vida**, por isso ele é reminescente. Com o corpo todo, com todos os sentidos, conhecemos o que as coisas são. O corpo é o veículo de retenção, lembrança e reprodução de figuras de movimentos. O corpo é memória e produtor de gestos. O corpo é o lugar de poder constituidor de um mundo simbólico-cultural (GEBAUER, 2013). Por isso, natureza e cultura estariam indissolivelmente entretecidas na pele do corpo humano: “estamos presos em nossa pele”, nos diz Wittgenstein,¹³ de forma a tornar impraticável nossa participação em qualquer jogo de linguagem que pretendesse abandonar o corpo ou subtraí-lo.

Por conseguinte, é enganador falar do pensamento como se se tratasse de uma ‘atividade mental’. Podemos dizer que o pensamento é essencialmente uma atividade que opera com signos. Esta atividade é realizada pela mão, quando pensamos por intermédio da escrita; pela boca e pela laringe, quando pensamos por intermédio da fala; e se pensamos imaginando signos ou figuras, é-me impossível mostrar-vos qualquer princípio ativo pensante. [...] Se discutirmos de novo sobre a localização da ocorrência de pensamento, temos o direito de afirmar que ela corresponde ao papel em que escrevemos ou à boca que fala (WITTGENSTEIN, 1992a, p. 32-33).

Em outro aforismo, mais conciso, há a sugestão – não sem uma dose de refinada ironia – ainda mais enfática na descrença de uma suposta “atividade

¹³ Diários de 1930-32/1936-37, p. 39.

mental” como instância psíquica segregada do resto do corpo, notoriamente localizada em nosso cérebro e, por extensão, dentro de nossa cabeça: “Penso, de fato, com minha caneta, pois minha cabeça frequentemente não sabe nada daquilo que minha mão está escrevendo” (WITTGENSTEIN, 2000a, p. 34). Na impossibilidade total da existência de um “eu” que se pensa e que teria o poder de falar sobre seu próprio corpo de forma alheia a qualquer situação concreta e independente de qualquer jogo de linguagem, a supremacia da pele – “estamos presos em nossa pele”, diz Wittgenstein¹⁴ – fornece ao corpo humano biológico o poder de constituir e ser constituído pelas práticas culturais e pelos jogos simbólicos de linguagem. Assim, não é possível falarmos em jogos incorpóreos, da mesma maneira que não é possível dissociar corpo, natureza e cultura. Dessa maneira, são postas em questão as fronteiras demarcatórias entre pensar e fazer, entre saber e agir, entre corpo e mente, pois se de fato existem saberes é certo que não estão dissociados de um corpo humano que os realiza, os mobiliza e os pratica. Aprendemos a escrever escrevendo, aprendemos a ler lendo, aprendemos a dançar dançando, e assim por diante. Participar corporalmente de qualquer jogo de linguagem é deixar-se orientar por suas regras, tendo ou não clareza e ciência sobre elas. Com isso, Wittgenstein conduzirá seu pensamento a uma revisão da concepção convencional dos atos mentais.

É nesse sentido que toda memória seria, inevitavelmente, memória da pele, do corpo, e as práticas culturais são automemorialísticas, mobilizam memórias, afetos, relações de poder. A crença na existência de nosso próprio corpo – como reconhece Wittgenstein – constitui a condição inalienável para que possamos não apenas usar a linguagem, mas, a partir desse uso, produzir saberes e crenças. A certeza do corpo, criada a partir de sua participação física ou encenada pelo jogo de linguagem, é também a condição para que a linguagem possa ser utilizada (GEBAUER, 2013, p. 145).

O propósito dos movimentos de dispersão espectral promovidos pelas terapias aqui apresentadas não é ressignificar o texto de partida, nem produzir uma melhor ou pior interpretação literária, mas destacar o papel vital – e profundamente existencial – da literatura como um movimento autoterapêutico do leitor/da leitora,

¹⁴ Diários de 1930-32/1936-37, p. 39.

uma aventura deles, desconstruindo hierarquias e privilégios de sentido a que estão submetidas as práticas culturais e os valores ético-estéticos atribuídos aos produtos das culturas.

Por fim, a atitude terapêutica percorre os arquivos culturais a partir dos meios expressivos, estratégias e recursos ficcionais manifestados nos textos, simplesmente para valorizar o desejo do leitor/leitora de explorar com base no convite que lhe faz o texto literário. Assim, cada leitor/leitora, cada ato de leitura, reatualiza um ritual, revisita velhas e conhecidas mitologias e, nesse percurso, encontra o prazer e as dimensões ética e estética que se atualizam nos contextos das disputas dialógicas entre os usos dos textos em distintas *formas de vida* (MIGUEL, 2015, p. 267).

Referências

ALTIERI, C. Wittgenstein on Consciousness and Language: A Challenge to Derridean Literary Theory. **MLV**, v. 91, n. 6, Comparative Literature (Dec.), 1976, p. 1397-1423.

CAVELL, S. **A Pitch of Philosophy, Autobiographical Exercises**. Cambridge e Londres: Harvard University Press, 1994.

CHANTER, T. **Gênero: conceitos-chave em filosofia**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CIXOUS, H. **La risa de la Medusa: ensayos sobre la escritura**. Barcelona: Antrhopos, 1995.

CULLER, J. **Sobre a desconstrução: teoria e crítica do pós-estruturalismo**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1987.

DERRIDA, J. **Dissemination**. Chicago: University of Chicago Press, 1981.

_____. Assinatura, evento, contexto. In: _____. **Limited Inc**. Campinas: Papyrus, 2000.

_____. **Posições**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. **Pensar a desconstrução**. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

_____. **Cartão postal: De Sócrates a Freud e além**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

_____. **Essa estranha instituição chamada literatura: Uma entrevista com Jacques Derrida**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

FALCATO, A. C. S. **A filosofia como terapia gramatical segundo Wittgenstein**. Covilhã: LusoSofia Press, 2012.

GLOCK, H. J. **Dicionário Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

GEBAUER, G. **O pensamento Antropológico de Wittgenstein**. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

GROSZ, E. Corpos reconfigurados. In: **Cadernos Pagu**, n.14, 2000, p. 45-86.

HADDOCK-LOBO, R. **Para um pensamento úmido: a filosofia a partir de Jacques Derrida**. Rio de Janeiro: Nau: Ed. PUC-Rio, 2011.

HOOK, B. **Feminism is for Everybody**. Londres: Pluto Press, 2000.

MCDONALD, H. Wittgenstein, Narrative Theory, and Cultural Studies. **Telos: Critical Theory of Contemporary**, v. 2001, n. 121, 2001, p. 11-53.

_____. The Narrative Act: Wittgenstein and Narratology. **Telos: Critical Theory of Contemporary**, v. IV, n. 4, 1994.

MIGUEL, A. Infâncias e pós-colonialismo. In: **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 35, n. 128, p. 629-996, jul.-set., 2014.

MIGUEL, A. Historiografia e terapia na cidade da linguagem de Wittgenstein. In: **Bolema**, No prelo, 2015.

MIGUEL, F. V. C. **Transculturação e memória num conto de García Márquez**. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/hist_lingua/EBook_Anais_ILGETHL.pdf>. Acesso em: maio de 2014, p.252-260, 2012.

_____. **Investigações Literárias. Terapias e encenações do feminino**. 2015. 295 f. Tese (Doutorado em Letras. Área de Concentração: Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais.

_____. Encenações de gênero e do feminino na canção “Caça à raposa”, de João Bosco e Aldir Blanc. In: LEITE, C. A. B. (org.). **Os alcances da canção**. Porto Alegre: FAPERGS, 2016. No prelo.

MIGUEL, F. V.C.; MIGUEL, A. Uma terapia do noturno a partir de War Requiem de Derek Jarman. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**. v. 25, n.1. O noturno na literatura e nas artes, 2015.

NEDO, M. (2002). **Wittgenstein and Cambridge Family Resemblances**. Disponível em: <<http://www.editor.net/BWS/docs/ClareHallCatalogueNew.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2014.

PERLOFF, M. **A Escada de Wittgenstein: a Linguagem poética e o Estranhamento do Cotidiano**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SALLES, J. C. P. S. Filosofia e terapia em Wittgenstein. **Analytica**, v. 9, n. 2, 2005, pp. 88-112.

STATEN, H. **Wittgenstein and Derrida**. Lincoln: University of Nebraska Press, 1986.

SONTAG, S. **Contra a interpretação**. Porto Alegre: LP&M, 1987.

WITTGENSTEIN, L. **The Blue and Brown Books**. Second Edition. Oxford UK & Cambridge USA: Blackwell Publishers, 1962.

_____. **Investigações filosóficas**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

_____. **Da certeza**. Lisboa: Edições 70, 1990.

_____. **O livro azul**. Lisboa: Edições 70, 1992a.

_____. **O livro castanho**. Lisboa: Edições 70, 1992b.

_____. **Cultura e valor**. Lisboa: Edições 70, 2000.

_____. **Philosophical investigations**, 4 ed.. Reino Unido: Blackwell Publishing Ltd, 2009.

WOLFREYS, J. **Compreender Derrida**. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

Recebido em 27 de fevereiro de 2016
Aceito em 25 de maio de 2016